

RESENHA / REVIEWS

Dulce C. A. WHITAKER*

GHIRALDELLI JR., P. – *Educação e movimento operário*. São Paulo, Ed. Autores Associados/Cortez Ed., 1987. 167p.

Como o próprio autor assinala, na apresentação do livro, sua dissertação de mestrado – que publica em forma condensada – “é antes de tudo um trabalho político, no sentido de recuperar a voz abafada das vanguardas operárias, em suas lutas por educação e acesso à cultura”.

Assim é que o livro parte da reconstrução do quadro histórico em que se forma o operariado urbano na República Velha, mostrando como “o processo de expansão das forças produtivas”, não só alterou o panorama social e fez desabar a monarquia, como abriu caminho aos novos ideários da Educação aspirada (o entusiasmo pela educação, seguido pelo otimismo pedagógico, que posteriormente daria origem ao escolanovismo).

Até aqui, nada essencialmente novo. Todos os estudantes da antiga Escola Normal e dos cursos universitários de Pedagogia costumam estudar, na cadeira de História da Educação, essa evolução do pensamento pedagógico brasileiro e suas contradições com os fatos. Afinal, o idealismo do plano político liberal, a se chocar com o duro chão da realidade histórica (as “idéias fora do lugar”, como diria Schwarz), tem sido uma constante na evolução política do País.

Em seguida, porém, o autor mostra uma outra face da evolução dos ideais pedagógicos da velha República – aquela que se desenrola no duro chão da realidade histórica.

Assim, ao analisar a formação do operariado urbano, o autor aponta para a presença maciça do elemento europeu e mostra a disciplina retrógrada e repressora a que estavam sujeitos todos no mundo da fábrica – dois fatores fundamentais para o surgimento dos ideais libertários. A contradição era realmente muito forte: idéias proletárias, geradas nas lutas políticas da velha Europa, a serem disseminadas na sociedade quase estamental de recente tradição escravocrata...

Por coincidência, neste momento da obra, o discurso do autor torna-se mais livre e espontâneo. (O primeiro capítulo está muito preso a citações e notas de rodapé que “quebram” a leitura. Aconselharia a enxugá-lo um pouco na próxima edição que, certamente, virá logo).

* Departamento de Sociologia – Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

O texto nos apresenta então, de forma panorâmica porém sugestiva, os quadros sociais urbanos, nos quais se delineiam e definem limites das duas classes fundamentais, geradas pela moderna industrialização: por um lado, a formação de um proletariado profundamente influenciado por idéias libertárias européias e, por outro, a burguesia assustada, articulando já os mecanismos da repressão. Os ideais libertários seriam posteriormente sufocados e o operariado brasileiro teria de se contentar com o endeusamento do ditador Vargas.

Mas esta já é outra questão. Voltemos ao livro. Desfilam tendências e correntes do movimento operário: socialismo, anarquismo, anarco-sindicalismo e finalmente, a partir dos anos 20, o comunismo. O autor faz um balanço das questões pedagógicas que animavam cada uma dessas correntes. Apoiado em pesquisa intensa e extensa nos jornais proletários da época, ele demonstra que, apesar da ideologia liberal que, aliás, até hoje se apresenta sedutora ao País, o proletariado em formação já conseguia delinear seus próprios horizontes e necessidades. Logo no início do período republicano, surgem os socialistas e conseguem, em vários momentos, “romper com o pensamento liberal dominante”, para perceber “a Educação como atividade inserida na luta de classes e passível de determinações históricas”. Não resta dúvida de que seus debates sobre o “fazer pedagógico” e sobre questões relativas à “educação nos sindicatos” ou à “educação política” não podem ser confundidos com as abstrações do “entusiasmo pela educação” ou do posterior “otimismo pedagógico”, que animaram as elites no início do século.

Mas o momento da verdadeira ruptura com o ideário pedagógico das elites está nas escolas libertárias que caracterizaram o movimento Operário, em sua fase anarco-sindicalista. Não por acaso, a parte mais atraente deste livro é a que trata do pensamento pedagógico libertário, mobilizado pelo anarquismo internacional, o qual, partindo da crítica à educação burguesa, chega à “pedagogia racional”. No caminho, o combate à influência religiosa na educação, o desmascaramento do Estado e de sua escola doutrinadora a serviço da classe dominante e grupos feministas analisando “o trabalho do professor enquanto mero transmissor de conhecimento”. (Tudo isso aconteceu aqui, meio século antes de Bourdieu e sua teoria da Reprodução). Paralelamente, os operários lutavam pela paz e não se esqueceram de lembrar a necessidade de trabalhar um menor número de horas e dessa forma desfrutar de um tempo livre para estudar. Idéias que, conforme podemos sentir, seriam ainda hoje inaceitáveis em termos do “establishment”. Assim é que sugestivos trechos que o autor extraiu do seu material, para citação, estão em vários momentos marcados pelos ventos da Utopia: a divulgação da obra de Paul Robin e de Francisco Ferrer, através de textos traduzidos e publicados pela imprensa operária; a influência dos artigos de Soledad Villafranca, criticando a suposta neutralidade do ensino laico; a recusa da escola rotineira, doutrinadora. Mas os libertários não permaneceram no nível do discurso, eis que criaram centros de estudos sociais, escolas racionais e até uma Universidade Popular (que durou pouco, face à distância entre o “eruditismo” dos mestres da época e a vida cultural do proletariado). O que mais encanta nas propostas pedagógicas desse momento da nossa história operária é a recusa ao burocratismo, consubstanciada na crítica aos exames e na preocupação com o indivíduo – o trabalho manual visto como fonte de vida –, aspectos muito bem delineados no livro em questão.

O autor mostra como as escolas libertárias foram fechadas, paralelamente à perseguição que se desencadeou contra os movimentos políticos que as originaram. Em 1922 surge o Partido – a vitória da Revolução Russa apontando outros rumos ao operariado politizado. A preocupação pedagógica é agora descrever os grandes feitos educacionais da Rússia revolucionada. Parece que as idéias descolavam-se novamente do chão social. O autor se interroga: a

fraqueza da proposta pedagógica do P.C.B. nos anos 20 é causa ou conseqüência da disseminação do ideário da Escola Nova em nosso país?

Eu faria a ele uma outra pergunta, à qual seu livro não responde claramente. Por que tais ideais libertários não vingaram em nosso País, quer no plano da política, quer no plano escolar? Por que são ainda hoje tão “avançados”? Por que tal riqueza de pensamento pedagógico se perdeu na voragem dos anos 30? O que levou o operariado a aceitar o trabalhismo de Vargas, acorrentando-se aos sindicatos atrelados e aos poucos anos de escolaridade domesticadora? Talvez porque para as forças internacionais presentes na modernização do País, – fossem elas liberais, fascistas ou comunistas –, tais utopias fossem profundamente subversivas.

O livro de Paulo Ghiraldelli realmente nos convida a pensar...